



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

GUSTAVO JOSÉ MEDEIROS DE MOURA

**O VENDAVAL DE CUITÉ DE 1999: A PRESENÇA DO MEDO E DO
MILENARISMO NO IMAGINÁRIO SOCIAL**

**CAMPINA GRANDE
2021**

GUSTAVO JOSÉ MEDEIROS DE MOURA

**O VENDAVAL DE CUITÉ DE 1999: A PRESENÇA DO MEDO E DO
MILENARISMO NO IMAGINÁRIO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de graduando em História.

Orientadora: Dra. Auricélia Lopes Pereira

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M929v Moura, Gustavo Jose Medeiros de.

O vendaval de Cuité de 1999 [manuscrito] : a presença do medo e do milenarismo no imaginário social / Gustavo Jose Medeiros de Moura. - 2021.

36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Cuité - Paraíba. 2. Desastre natural. 3. Cultura.

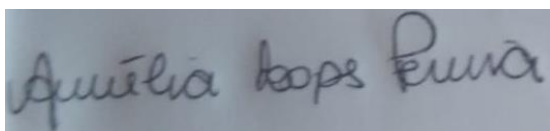
GUSTAVO JOSÉ MEDEIROS DE MOURA

O VENDAVAL DE CUITÉ DE 1999: A PRESENÇA DO MEDO E DO MILENARISMO
NO IMAGINÁRIO SOCIAL


Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de graduando em Licenciatura em História.

Aprovada em: 02/06/2021.

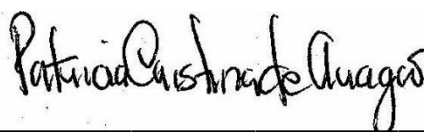
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Matusalem Aives Oliveira Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Patricia Cristina de Aragão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que permitiu que eu chegasse até aqui com resiliência e certeza de que estava seguindo o caminho certo.

Aos meus pais, por ter me apoiado na decisão e a minha irmã, Gabriela Moura, que tanto me ajudou na construção deste trabalho.

Aos professores, que em sua grande maioria ensinaram com excelência e fez com que cada aula, do decorrer do curso, se tornasse uma palestra e esquecesse as longas viagens diárias de 120 km para a universidade.

Aos diversos colegas de curso que me ajudaram durante esses cinco anos, como também a minha orientadora, Auricélia Lopes, a qual acreditou no meu projeto.

Por fim, agradecer também a cada entrevistado que cedeu um pouco das suas experiências e permitiu que este trabalho acontecesse de fato.

RESUMO

O vendaval de Cuité-PB do ano 1999 foi um desastre natural que causou impactos no imaginário social dos habitantes da cidade. As pessoas presentes tiveram que ser submetidas a uma tensão provocadas, tanto pelo medo de uma destruição iminente, quanto pela reação individual de cada um que presenciou aquele momento. Para Delumeau (2009), existem diferentes tipos de reações dos indivíduos, podendo ser levados a sentir emoções como ansiedade, angústia, pânico, temor, melancolia, inquietação ou até outros sentimentos a depender a subjetividade de cada indivíduo. O evento aconteceu precisamente no final da tarde do dia 28 de dezembro de 1999, há exatamente três dias antes da passagem para o ano 2000. A pesquisa busca fazer uma reconstrução da memória, para tanto a principal metodologia usada com esta finalidade é a História Oral. Com relação aos resultados obtidos, considerando que a cultura ocidental sofre muita influência da tradição judaico-cristã, é possível afirmar que em decorrência da data do desastre, várias testemunhas relacionaram o vendaval como sendo o final do mundo numa perspectiva milenarista.

Palavra-chave: Cultura. Milênio. Religião. Cataclismo. Tempestade.

ABSTRACT

The Cuité windstorm of 1999 was a natural disaster which had an impact on the social imaginary of the city's inhabitants. The present people had to be submitted to a tension provoked both by the fear of imminent destruction and by the individual reaction of each person who witnessed that moment. Delumeau (2009) says that there are different types of reactions from individuals, who may be led to feel emotions such as anxiety, anguish, panic, fear, melancholy, uneasiness, or even other feelings depending on the subjectivity of each individual. The event took place precisely in the late afternoon of December 28, 1999, exactly three days before the turn of the 2000s. This research seeks to reconstruct the memory and the main methodology used for this purpose is Oral History. Regarding the obtained results, considering that Western culture is greatly influenced by the Judeo-Christian tradition, it is possible to state that due to the date of the disaster, several witnesses related the windstorm as being the end of the world in a millenarian perspective.

Keyword: Culture. Millennium. Religion. Cataclysm. Storm.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Instalação metálica destruída pelo vendaval.....	26
Figura 2 – Registro de algumas moradias parcialmente destruídas pelo vendaval..	27
Figura 3 – Registro das árvores arrancadas.....	28
Figura 4 – Sede da Prefeitura antes do vendaval.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
SIABI	Sistema Integrado de Automação de Bibliotecas.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A ESCATOLOGIA NA TRADIÇÃO OCIDENTAL.....	14
2.1 Milenarismo	14
2.2 Sebastianismo	15
3 A PRESENÇA DO MEDO NO IMAGINÁRIO COLETIVO DURANTE O VENDAVAL	18
4 PERCUSO METODOLÓGICO	20
4 PÂNICO NA CIDADE: A PROFECIA SE REALIZOU	22
5 OS DANOS	26
5.1 O pânico na prefeitura	30
6 A ANGÚSTIA APÓS O VENDAVAL	34
7 CONSIRAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar os impactos nas pessoas provados pelo dia 28 de dezembro de 1999, no qual a cidade de Cuité-PB foi surpreendida por um vendaval, que provocou a destruição de parte da infraestrutura local, trabalhando o que aconteceu para as pessoas que presenciaram o evento pudessem expor seus medos e conflitos naquele dia, utilizando a ideia de Jean Delumeau (2009) para compreendermos o medo no imaginário resultantes do evento.

O município de Cuité fica localizado no Curimataú paraibano, tem uma população estimada de 20 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do último censo de 2010. O seu território é de 733.818 km², sendo considerado grande em relação a Paraíba, por ser a sexta maior cidade em extensão do estado (IBGE, 2010). A chuva do dia aconteceu em praticamente todo o município, segundo alguns relatos, mas a ventania atingiu somente algumas ruas da cidade.

A cultura é fortemente inspirada pelo catolicismo, visto que os grandes eventos, as festas tradicionais e as peças teatrais foram em grande parte voltados para a religião católica. O vendaval transformou o cenário de uma forma drástica por envolver a questão religiosa, tendo coincidido a data com o dia em que iria acontecer o fim do mundo, segundo as profecias apocalípticas.

O desastre aconteceu no dia 28 de dezembro de 1999 e a cidade foi devastada: os ventos derrubaram as árvores da sua rua principal, destruíram moradias dos populares, derrubaram a sede da prefeitura na época e, por consequência, trouxe um prejuízo enorme na infraestrutura local e na economia. Além disso, esse acontecimento trouxe consigo a sensação de medo muito forte no imaginário social, sendo este o objeto de estudo do presente trabalho.

Um evento dessa magnitude traz por si só um clima de insegurança para a população, que vê que o cataclismo colocar suas vidas em risco e, posteriormente, vem a sensação de perceber que seu espaço social está parcialmente destruído. O medo se manifesta de maneira individual e está presente em alguns aspectos principais que aparecem nesta pesquisa: a surpresa causada pela não previsão das chuvas; o da espera pelo fim do mundo no momento do ápice da ventania e ansiedade de alguns dias depois do vendaval, provocada pela espera de um novo evento de tal proporção.

É evidente que as profecias apocalípticas são muito presentes na cultura Ocidental e, por si só, trazem uma expectativa muito forte na população que, em algum momento específico, o mundo vai ter uma mudança radical trazida por Deus. Além disso, existem diferentes tipos de profecias nas quais algumas falam da chegada ao dia do juízo Final, do fim do mundo trazido pelo Anticristo, enquanto outras dizem que o dia do Juízo final trará a felicidade eterna para a Terra.

Nessa perspectiva, este trabalho irá analisar como a população cuitense foi construindo o medo do fim do mundo durante os anos e como ela lidou com o vendaval, associando a sensação apocalíptica com a destruição que estava acontecendo na sua frente. Por se tratar de um recorte temporal recente o principal método usado para a pesquisa foi a fonte oral.

A importância do estudo acerca do apocalipse se dá por se tratar de um elemento presente em uma grande quantidade de religiões de maneira geral. Na cultura Ocidental, é possível dizer que foram muito disseminadas entre as pessoas histórias sobre o tema de fim do mundo. Falar sobre esse aspecto é fundamental, para se analisar os elementos em comum que perpassam nessas narrativas, bem como cartografar a presença desses elementos no contexto do presente estudo. Estas narrativas atravessadas pelo medo, que é natural do ser humano, se constituem numa resposta emitida diante de algo que violenta o curso do seu cotidiano ou ameaça violentar.

A realização do trabalho se deu durante a Pandemia da COVID-19, que chegou ao número superior a 460 mil mortes de brasileiros até a data da finalização deste estudo (BRASIL, 2021). Por isso, debater o tema do medo se faz necessário, especialmente num contexto como este, para contribuir através da historiografia e também para apresentar como o ser-humano se comporta a estas situações.

Existem vários tipos de reações que são provocadas pelo medo e a pesquisa demonstra a distinção de cada uma delas, além de ser possível notar nas falas dos entrevistados. Dentre as reações, os sentimentos podem ser: pânico, angústia, ansiedade, surpresa, alívio e temor. Desse modo, enfatizar o tema em estudo tem como ponto central a promoção e a reflexão sobre esse elemento presente na nossa cultura, o qual é importante para compreendermos de que forma se sucedeu tal fenômeno no município de Cuité-PB.

O vendaval causou muito temor na população e muitos passaram por risco de vida. Portanto, estudar sobre uma catástrofe natural dessas proporções promove

também a reflexão de que o ser humano não possui o poder de previsibilidade sobre tudo, e está sujeito a passar por situações de mesmas proporções em tempos futuros.

2 A ESCATOLOGIA NA TRADIÇÃO OCIDENTAL

Este capítulo tem como objetivo fazer uma análise de algumas profecias sobre o tema relacionado ao fim do mundo e apresentar como elas estão interligadas ao recorte temporal da pesquisa. Para Negrão:

O imaginário religioso pregresso, sua exacerbação ou superação por uma nova revelação profética, está sempre presente, interpretando a realidade, postulando objetivos e indicando os meios pelos quais estes serão alcançados (NEGRÃO, 2015, 119).

A questão religiosa envolvendo o milenarismo esteve muito presente nas falas dos entrevistados e esse aspecto foi o tema central da pesquisa e será apresentado a luz de leituras de Delumeau (2009), Negrão (2015) e Godoy (2009), tendo como objetivo discutir como a crença remonta uma tradição Ocidental.

As crenças de fim de mundo são comuns em diversas culturas. Como exemplo pode-se observar que os maias previram que esse evento iria acontecer no ano de 2012 e também os nórdicos afirmavam que iria acontecer o *Ragnarok*, onde haveria uma destruição do universo promovida pelos deuses.

Na cultura judaico-cristã existem passagens que reforçam a ideia de fim de mundo em trechos do livro do Apocalipse e elas serviram para diferentes interpretações acerca do tema.

2.1 Milenarismo

O momento em que precede o desastre mostra que o imaginário da população cuiteense está ligado a essa tradição milenarista. Por conseguinte, a transição do ano 1999 para o ano 2000 remonta a várias profecias que reforçam a ideia de passagem para o fim do mundo, como pode ser observado por alguns dos depoimentos declarados para esta pesquisa.

Delumeau (2009) afirma que a concepção do *millenium* mostra que uma mudança irá acontecer e que “Durante os mil anos do reino dos santos, sofrimento, doença, miséria, desigualdade, exploração do homem pelo homem terão desaparecido da terra.” (DELUMEAU, 2009, p. 310).

A profecia que remete ao Juízo Final afirma que o fim do mundo acontecerá a partir de cataclismos e para Delumeau (2009), esse pensamento acontece pela ideia de uma vingança de um Deus punitivo, muito presente nos livros do Antigo Testamento, que lança maldições para o ser-humano afim de castigá-lo pelos seus pecados na Terra. Outro ponto que o autor apresenta é que esses castigos estão presentes nos panfletos divulgados nas Províncias Unidas dos Países Baixos dos séculos XVII e XVIII, onde havia um cenário de guerra religiosa entre protestantes e católicos e era divulgado que o grupo contrário aos católicos iria ser atingido por cataclismos.

A espera pelo fim do mundo no ano 2000 e do dia do Juízo Final têm raízes da tradição milenarista, como afirma Delumeau:

Teólogos, matemáticos e astrólogos trabalharam incansavelmente sobre esses dados numéricos que eram relocalizados em um quadro cronológico global cujo esquema mais simples era esse: o mundo vivera 2 mil anos entre a criação e a lei, depois 2 mil anos sob o reino da lei. O do Messias teria por sua vez uma duração de dois mil anos (DELUMEAU, 2009, p. 345).

2.2 Sebastianismo

Consoante ao milenarismo existe também o Sebastianismo, que surgiu a partir do desaparecimento do rei de Portugal, D. Sebastião, na batalha de Alcácer-Quibir, localizada no norte da África, contra os mouros em 1578. Para Godoy (2009) a trajetória de vida do monarca representou toda uma ideia mítica e conseguiu unir o humano com o divino. O nascimento de Dom Sebastião representou um momento de consolidação da Portugal e trouxe a sensação de que o país possuía uma soberania e um futuro próspero para população portuguesa.

O medo apocalíptico, novamente presente no imaginário português no período em que dom Sebastião adota uma política de expansão territorial, como precaução à invasão islâmica e é possível relacionar a ideia de fim de mundo e de inundação:

Portugal pretendia então dar continuidade a uma política de conquistas territoriais praticamente abolida por dom João III. Ao mesmo tempo, o avanço mulçumano sobre o norte da África reaviva um antigo receio escatológico cristão. Ao lado de epidemias, fomes e inundações que seriam responsáveis pela chegada do fim do mundo, as constantes ameaças de um crescimento territorial por parte do

islamismo também reforçavam a crença em que estava próximo o final dos tempos (GODOY, 2007, 120).

Em 1548 foi travada a Batalha de Alcácer-Quibir no norte do Marrocos, com objetivo de combater o exército saadiano e o exército português acabou perdendo e o rei Dom Sebastião desaparece naquele momento. A derrota fez com que o reino ficasse fragilizado, e facilitou a invasão de Portugal pelos espanhóis.

Após a ocupação espanhola, os portugueses se recusaram a acreditar que seu líder morreria, criando um sentimento de que o monarca iria voltar para salvar seu povo da dominação. A junção dos elementos humanos e divinos e a esperança da volta do rei desaparecido caracteriza os traços messiânicos na personalidade do rei Dom Sebastião e reforçou essa ideia no imaginário português como afirma Godoy:

Aos poucos o rei Desejado vai sendo confundido e, mais tarde, amalgamado de vez com uma figura de textos proféticos, envolvido na trama mítica de projeções apocalípticas, tornando-se um dos fenômenos culturais mais marcantes da história de Portugal. (GODOY, 2007, p. 109).

A crença da volta do rei começou a ser divulgada pelo reinado e um dos meios de difusão foram as interpretações de Gonçalo Annes Bandarra, um cristão-novo, que fez a relação das passagens bíblicas com os acontecimentos da época. Sua narrativa junta elementos de diversas tradições, e populariza a crença de que as revelações bíblicas de fim dos tempos estavam sendo concretizadas naquele contexto. Nas trovas de Bandarra foi feita uma assimilação das revelações do Apocalipse de João, e o resultado foi que o rei Dom Sebastião seria interpretado como sendo o Leão de Judá, figura imponente com atributos de poder, sabedoria e justiça e o mouro era visto pela figura do porco, ou seja, sendo assimilado com a ignorância e, principalmente, com a impureza (GODOY, 2009).

Essa crença influenciou a cultura brasileira graças ao contexto da colonização, onde exista uma imposição ao âmbito cultural por parte dos portugueses no território. Naquele contexto, as terras do Brasil eram vistas como um paraíso terrestre e despertava a ideia milenarista, que afirmava existir um local dessa magnitude na humanidade (GODOY, 2009).

O padre jesuíta Antônio Viera foi muito importante no papel da disseminação dessa tradição no Brasil. O elemento do fim do mundo está presente na sua obra, no

momento em que Vieira informa que a passagem do *millenium* iria ser anunciada pelo aparecimento de cometas, tempestades e inundações (DELUMEAU, 2009).

O sebastianismo adentrou nas terras do sertão nordestino e foi muito presente em movimentos no Brasil, principalmente durante os primeiros anos da implantação da República, sendo possível perceber no contexto da Revolta de Canudos nos discursos de Antônio Conselheiro as referências a elementos dessa narrativa. (GASPAR, 2007).

3 A PRESENÇA DO MEDO NO IMAGINÁRIO COLETIVO DURANTE O VENDAVAL

O medo é uma característica inerente do ser humano e, portanto, quando se estuda esse tema é possível abrir diversos caminhos em torno dele. Desse modo, ao longo da História, pode se ver registros do medo nos relatos dos navegantes, nas cartas dos reis e nos soldados prestes a entrar no campo de batalha, por exemplo. Segundo Delumeau: “[...] não só os indivíduos tomados isoladamente, mas também as coletividades e as próprias civilizações estão comprometidas num diálogo permanente com o medo.” (DELUMEAU, 2009, p. 310).

Muitas vezes esse tipo de sentimento é mal interpretado por setores da sociedade como afirma Negrão:

Orientando-se sobretudo por valores e sentimentos tradicionais, em descompasso com os ideais de modernidade do momento, tais movimentos tendem a ser vistos pelas vigências política e intelectual como irracionalidades e arcaísmos, frutos da ignorância e do fanatismo (NEGRÃO, 2015, p. 50).

A crença milenarista esteve presente nesse momento na cidade de Cuité, no momento que a sociedade liga a passagem do dois mil como sendo o fim do mundo. Segundo Negrão “O imaginário religioso pregresso, sua exacerbação ou superação por uma nova revelação profética, está sempre presente, interpretando a realidade, postulando objetivos e indicando os meios pelos quais estes serão alcançados.” (NEGRÃO, 2015, p.50).

Apesar da profecia em torno do *millenium* anunciar uma esperança, ela traz uma angústia muito forte na população, pela incerteza da mudança e dos desastres vindouros como afirma Delumeau:

Mas é certo que foram mais frequentemente causas de medo e que a imaginação se voltou sobretudo para as desgraças que deviam preceder tanto o millenium como o Juízo Final – ele próprio particularmente temível. Quer se esperasse um ou outro, era raro que não se concedesse um lugar importante ao Anticristo. (DELUMEAU, 2009, p. 317).

A igreja cumpre um papel muito importante na disseminação desse tipo de pensamento, porque consegue unir parte de coletividade que passa a se sentir mais

segura pelo fato de estar reunido. Delemeau (2009, p. 317) afirma que isso se dá também pelo motivo que:

Locais privilegiados de agrupamento, a igreja paroquial e seu átrio – ou cemitério vizinho – constituem frequentemente os epicentros de onde se propagam os “furores” populares. Além disso, a igreja é geralmente uma construção sólida, algumas vezes fortificada: eventualmente será um refúgio.

O padre seria uma figura fundamental para os movimentos milenaristas, diante disso, historicamente ele desempenha o papel de indicar os caminhos a seguir (DELUMEAU, 2009) e, portanto, os fiéis sentem uma confiança muito forte em relação a ele.

As pregações são os principais meios de difusões dessas profecias e ajudam a inserir o medo no imaginário coletivo. Para Delumeau (2009, p.319) “as pregações levam para a população a ideia de esperança, mas faz lembrar da angustia do pecado e o medo do Juízo Final”. A partir dos relatos é possível perceber que a divulgação em relação ao final do mundo, na passagem do ano 1999 para o 2000, estava amplamente presente naquele contexto e contribuiu para a implementação da ideia no imaginário social.

4 PERCUSO METODOLÓGICO

A pesquisa é voltada para a reconstrução da memória no sentido historiográfico através da História Oral, por se tratar de um evento que aconteceu no final do século XX e, portanto, é considerado recente nesse sentido, como também pode-se concluir que é possível obter diversos depoimentos de testemunhas oculares, os quais presenciaram o acontecido.

Nesse sentido, a metodologia HO (História Oral) toma o processo rememorativo como um elemento importante para se retomar o estudo de épocas passadas, mesmo que não tão longínquas como é o caso deste estudo que se volta ao final do século XX (ALVES, 2016, p. 6).

Esse tipo de metodologia consegue inserir sujeitos que não eram ouvidos na perspectiva de uma História Oficial e faz com que outras perspectivas, no âmbito do cotidiano, por exemplo, apareçam no trabalho historiográfico.

Um dos objetivos da pesquisa foi buscar cartografar o imaginário da sociedade naquele momento, constituindo-se a história oral em um método que possibilita essa cartografia de uma maneira mais eficaz, visto que a palavra viva dar-se-á na narrativa.

Como metodologia de pesquisa, a História Oral se ocupa em conhecer e aprofundar aspectos sobre determinada realidade, como os padrões culturais, as estruturas sociais, os processos históricos ou os laços do cotidiano. Os dados para o encadeamento são obtidos através de conversas com pessoas (relatos orais) que, ao focalizarem suas lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem, ponderando esses fatos pela sua importância na vida desses indivíduos (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p. 8).

A fonte oral permite uma coleta mais precisa nos aspectos do imaginário social, do que uma pesquisa sob a ótica da historiografia oficial. Para tanto, a análise, terá como objetivo encontrar elementos de âmbito psicológico, envolvendo a questão do sentimento e do medo.

A metodologia em análise prima para registrar a memória viva, as emoções, as paixões, o olhar, a perspectiva peculiar e os sentimentos de indivíduos das mais diversas origens socioculturais. Muitas vezes o fato de detectar estas memórias, que podem ser denominadas de subterrâneas, significa delinear aspectos relevantes que de outra

forma ficam à margem da história oficial ou das evidências objetivas dos historiadores. Através deste esforço e rigor de pesquisa pretende-se construir uma metodologia que permita recuperar ou trazer à luz imagens do passado e do presente, que permitirão uma abordagem abrangente e dinâmica.” (CASSAB e RUSCHEINSKY, 2004, p. 3).

As entrevistas foram realizadas com pessoas que presenciaram de forma direta ou indireta ao vendaval de Cuité de 1999, estas foram selecionadas de acordo com critérios que relacionam a experiência vivida com a pesquisa.

Para esta pesquisa os critérios de inclusão foram: pessoas que possuíam idade mínima de 7 anos no ano de 1999, que é seguindo critério do pesquisador, suficiente para lembrar do contexto geral da época pesquisada, bem como ter uma boa lembrança e discernimento do que aconteceu no dia 28 de dezembro de 1999 e que podem contribuir com a pesquisa com depoimentos em torno do âmbito psicológico e religioso ou outro tipo de fonte histórica.

A coleta de entrevistas foi feita no mês de maio de 2021, num contexto de pandemia da COVID- 19 e devido a situação, elas foram gravadas de maneira remota, através de vídeo conferência por meio do *Google Meet* e as entrevistas presenciais foram realizadas na casa do entrevistado, utilizando todas as medidas de distanciamento recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como o uso de máscara do pesquisador e a disponibilidade de álcool em gel. A próxima sessão apresenta os resultados do nosso estudo.

4 PÂNICO NA CIDADE: A PROFECIA SE REALIZOU

O vendaval aconteceu no dia 28 de dezembro de 1999, faltando apenas três dias para a passagem ao ano 2000. Segundo Castro (2003, p. 18) os vendavais:

São perturbações marcantes no estado normal da atmosfera. Deslocamento violento de uma massa de ar, de uma área de alta pressão para outra de baixa pressão. Também chamados de ventos muito duros, correspondem ao número 10 da Escala de Beaufort, compreendendo ventos cujas velocidades variam entre 88,0 a 102,0 km/h.

Segundo Delumeau (2009) “a principal causa do medo é a surpresa” e este elemento esteve presente em alguns relatos. Em primeiro lugar, por não esperarem que o dia seria chuvoso, por se tratar de um dia que estava até então muito ensolarado. Depois pelo fato de que não havia um preparo para ventanias de tal magnitude. Eliane Brito conta que ao ver o forte balanço das árvores começou a se perceber também que a chuva que estava por vir seria muito forte, mas não esperava uma catástrofe.

Eu fui até o muro da minha casa e vi a goiabeira balançar tão forte que chegava a tocar no chão! Eu disse ao meu marido que ia ser chuva de vento, mas como eu não tinha experiência com vendaval, a gente esperava que fosse uma tempestade normal, como as outras que eu já estava acostumada.¹

Com o aparecimento de nuvens escuras no céu e com a mudança repentina do tempo eles perceberam que estavam enganados. “O céu ficou de repente muito escuro, vi se formando nuvens acinzentadas, quase pretas. Eu nunca tinha visto o céu daquele jeito!”²

O barulho era muito forte e estava relacionado ao som natural do vento e também pelas telhas de alguns edifícios sendo quebradas, fazendo provocar ainda mais o temor das pessoas.

¹ BRITO, Eliane. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Brito moradora da cidade.

² MEDEIROS, Amariles. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Medeiros moradora da cidade.

A escuridão tomou conta da cidade num primeiro momento, em decorrência da formação de nuvens escuras, e depois quando a energia elétrica da região se desligou. Esse foi um dos momentos de maior apreensão na cidade e ajudou a aumentar ainda mais a apreensão dos moradores.

Para Delumeau (2009) a escuridão também representa ligação com o Apocalipse: “Os apocalipses judaicos já haviam descritos a ressurreição como um despertar após o sono das noites (Isaías 26,19; Daniel 12, 2), um retorno à luz após o mergulho na escuridão total do xeol.” (DELUMEAU, 2009, p. 139).

Enquanto as pessoas estavam vivenciando o desastre, o sentimento de medo começou a se manifestar também nos corpos delas. Amariles Medeiros³, por exemplo, afirma que: no momento do choque *“deu aquela palpitação, aqueles batimentos fortes, e deu aquele medo de como se chagasse a hora de morrer!”*. sobre isso, afirma Delemeau (2009, p. 30):

Como toda emoção, o medo pode provocar efeitos contrastados segundo os indivíduos e as circunstâncias, ou até reações alternadas em uma mesma pessoa: aceleração dos movimentos do coração ou diminuição; respiração demasiadamente rápida ou lenta; contração ou dilatação dos vasos sanguíneos; hiper ou hipossecreção das glândulas; constipação ou diarreia, polúria ou anúria, comportamento de imobilização ou exteriorização violenta.

As pancadas provocadas pelo vento eram muito fortes e fazia aumentar a tensão dos moradores.

No depoimento relatado por Amariles Medeiros ela afirma que sentiu dois sentimentos de medo. *“Eu sentia um ‘medo-duplo’ pois sentia a insegurança pelo fato de estar sozinha dentro de casa e de não saber como estava meu filho, que tinha saído pouco antes para visitar a avó.”*

Além dos medos aqui descritos, os moradores tinham que enfrentar também a questão do sofrimento causado pelo prejuízo financeiro. A água ia entrando nos estabelecimentos, fazendo com que muitos móveis fossem levados pela força da chuva. Além disso, alguns comerciantes tiveram perdas das suas mercadorias e aquelas pessoas tiveram a primeira reação de salvar o que podiam, mas em certo

³ MEDEIROS, Amariles. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Medeiros moradora da cidade.

momento, perceberam que não havia possibilidade de salvar tudo e a única escolha seria esperar o desastre passar.

Naquele tempo, já existia internet e aparelho celular no território brasileiro, mas as formas de comunicação daquele contexto na cidade de Cuité se davam com tecnologias menos avançadas, naquela época ainda era utilizado telefone fixo e envio de cartas escritas. Nesse cenário, portanto, não era possível fazer a comunicação com pessoas de outras cidades e conclui-se que elas não tinham a noção concreta de que se tratava de um desastre localizado. Para a percepção de muitos, aquilo poderia ser algo de magnitude mundial, sendo comparado como afirma alguns entrevistados a passagem do Dilúvio na Bíblia.

À medida que ia acontecendo a destruição, alguns moradores relatam que chegaram a imaginar que o motivo seria uma punição divina por seus pecados em vida. Amariles relata que: *“Cheguei até a pedir perdão à Deus pelos meus pecados. Porque sabia que ia morrer naquele momento. Era uma coisa muito sinistra!”*⁴

Esse tipo de leitura está presente na tradição judaico-cristã, no Antigo Testamento onde há presença de um Deus que pune os pecadores por meio de cataclismos. Para além do âmbito religioso esse tipo de sentimento é uma forma de autossabotagem e segundo Delumeau (2009, p. 35) é comum e: “É especialmente perigosa sob a forma de angústia culpada. Pois o sujeito vira então contra si as forças que deveriam ser mobilizadas contra agressões externas e torna-se para si mesmo seu principal objeto de temor.”

Nesta perspectiva, a representação de Maria é muito forte no catolicismo, segundo Menezes (2011) ela cumpre diversos papéis e um deles é o “escatológico”. O trecho citado faz referência a profecia e diz que ela participou quando:

[...] antes da Ascensão, Nosso Senhor apanhando um leve punhado de areia, disse aos Discípulos: - Até mil e pouco! e atirou-o ao vento. Nossa Senhora, apiedada do prazo concedido, encheu a santa mãozinha de areia e jogando-a também ao ar, suplicou: - E mais estes, meu Filho!"(CASCUDO, 2001, p. 405).

⁴ MEDEIROS, Amariles. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Medeiros moradora da cidade.

A passagem faz alusão claramente aos dois mil anos de vida humana e foi lembrada com algumas alterações no depoimento de Eliel Soares⁵:

Antigamente, tinha uma profecia que minha tia me contava muito, que dizia o seguinte: quando Nossa Senhora deixou aqui a Terra e foi embora, ela jogou um punhado de terra e disse até mil e tantos e dois mil não há de se inteirar. Então eu me lembrei muito da minha tia, na crença dela, nas tradições dela, por que faltava 3 dias apenas para a passagem ao ano 2.000.

De acordo com os relatos, a espera durou cerca de 13 minutos e a ansiedade para que os ventos cessassem fez com os segundos passassem da maneira mais lenta possível, e fez com que muitos entrassem em pânico.

Muitos que saíram de casa para observar o que estava acontecendo, durante a ventania, se depararam com cenas de destruição desde as antenas parabólicas sobrevoando o céu até sons de muradas caindo e alguns chegaram a ver o tufão de vento que se formou naquele dia. *“Eu conversei com uma senhora e ela me contou que quando abriu a porta de casa viu um tufão de poeira se formar e teve um susto tão grande que fechou a porta na hora.”*⁶

Esse tipo de reação pode ser entendido como choque, que na perspectiva de Delumeau (2009, p. 30) tem por definição:

No sentido estrito e estreito do termo, o medo(individual) é uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação. Colocado em estado de alerta, o hipotálamo reage mediante mobilização global do organismo, que desencadeia diversos tipos de comportamentos somáticos e provoca sobretudo modificações endócrinas.

⁵ SOARES, Eliel. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Soares morador da cidade.

⁶ BRITO, Eliane. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Brito moradora da cidade.

5 OS DANOS

Após o cessar dos ventos, a população pôde começar a tomar consciência da real magnitude do desastre e o que ele impactou na infraestrutura e no seu campo social (figura 1).

Figura 1 – Instalação metálica destruída pelo vendaval.



Fonte: Diário Cutimataú, 2016.

Quando eu saí na rua, foi que eu me “deparei” com a destruição! Eram plantas no chão, as árvores “tudo” no chão, a murada das casas, minha casa destruída, a rede elétrica no chão, eu passando pelos fios caídos na rua, “vendo a hora” morrer de um choque [...].

Eliane Brito⁷ relata que estava na sua morada, acamada junto ao seu marido e passou aquela noite dentro de casa, ela conta que percebeu que a chuva era forte, mas não teve noção que se tratava de um vendaval pelo fato de que sua residência não ter sofridos danos, naquele momento. Ela só pôde perceber quando abriu a porta de casa, no dia seguinte, e encontrou sua rua em estado deplorável, com árvores

⁷ BRITO, Eliane. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Brito moradora da cidade.

caídas e muradas de vizinhos destruídas. Ela sentiu a surpresa, que para Delumeau (2009) é a tomada de consciência de uma situação.

Em relação as moradias, várias casas ficaram parcialmente destruídas, com as telhas quebradas, muitas antenas parabólicas voaram, muros foram destronados. Segundo o Jornal da Paraíba (1999) cerca de 300 moradores ficaram desabrigados (figura 2), todos os prédios públicos sofreram abalos e o 20 pacientes do Hospital Pedro Viana foram feridos com o desmoronamento do telhado.

Figura 2 – Registro de algumas moradias parcialmente destruídas pelo vendaval.



Fonte: Diário Cutimataú, 2016.

Na rua 25 de Janeiro, principal avenida da cidade, algumas árvores do canteiro caíram em efeito dominó e outras, invadiram algumas casas, chegando a derrubar algumas muradas (figura 3).

Figura 3 – Registro das árvores arrancadas.



Fonte: Diário Cutimataú, 2016.

Amariles Medeiros em seu depoimento relata:

Eu chorava por três motivos: primeiro pela felicidade de “tá” viva, mais Jonas (meu filho), por ele não ter morrido [...], segundo eu chorava pelo desespero de ver minha casa que eu tinha acabado de construir daquela forma, [...], e também por estar sozinha, né? pra tirar aquele barro de casa à noite “todinha” [...], eu e Jonas passamos até “de” madrugada carregando água⁸

A consciência do impacto que se passou na cidade só foi ser revelada de fato ao amanhecer do outro dia. A sensação dos cuitenses ao ver a cena de destruição do seu lugar social foi de que havia se instaurado o caos na cidade. “*Eu saí andando pela manhã, vendo aquela destruição toda a ficha não caiu, eu tentei resistir ao*

⁸ MEDEIROS, Amariles. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Medeiros moradora da cidade.

máximo. Na hora eu disse: “Meu Deus”!, será que isto está acontecendo mesmo? Isto é um pesadelo!”⁹

Segundo o depoimento de Eliane Brito, os comentários das pessoas nas ruas eram diversos:

[...]cada uma daquelas pessoas imaginava que o mundo ia se acabar! Dora, minha cunhada, dizia que achava que ia morrer. Ela chegou a dizer também que achava que “a gente” ia “se acabar”. Naquele momento eu não sabia pra onde ia correr! “[...] a “senhorinha”, que eu havia encontrado na rua, achava que naquele momento o mundo estava acabando. Foi muito comentário!¹⁰

De acordo com alguns depoimentos começou a surgir uma nova preocupação no dia posterior, porque começou a ser espalhado entre eles rumores que iria acontecer outro vendaval naquele mesmo dia, o qual poderia trazer um poder de destruição maior que o anterior. Na perspectiva de Delumeau (2009) esse elemento é muito recorrente e na sociedade têm um papel fundamental para propagar o medo na comunidade, para ele: “Um rumor nasce, portanto, sobre um fundo prévio de inquietações acumuladas e resulta de uma preocupação mental criada pela convergência de várias ameaças ou de diversos infortúnios que somam seus efeitos.” (DELUMEAU, 2009, p. 269).

Os boatos não chegaram a se concretizar, no entanto trouxe uma nova problemática entre os moradores pelo fato de provocar uma espera pelo pior. Havia uma ansiedade entre eles fazendo com que, aqueles que tiveram suas casas danificadas, ficassem em dúvida se compensava financeiramente reconstruir suas moradias, naquele momento.

Outro fator que trouxe desespero entre os cuitenses foi o fato de que muitas casas ficaram com os muros derrubados e se encontravam sem proteção, fazendo com que a insegurança fosse muito forte por parte do morador de ter sua propriedade invadida por ladrões.

Mais um problema foi sobre o fato de que os materiais de construção disponíveis no comércio da cidade acabaram em poucas horas, pela alta demanda e

⁹ SOARES, Eliel. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Soares morador da cidade.

¹⁰ BRITO, Eliane. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Brito moradora da cidade.

muitos pedreiros da cidade se recusaram a trabalhar por causa do boato já mencionado, que um novo vendaval poderia acontecer. A seguir será relatado os danos causados a prefeitura do município.

5.1 O pânico na prefeitura

O prédio da prefeitura (figura 4), na época, foi totalmente devastado pelas chuvas e, naquele dia, as pessoas que se encontravam no interior do prédio, quando aconteceu o desastre, testemunharam cenas de terror. Segundo os entrevistados havia um total de cinco pessoas dentro da sede: o prefeito, o tesoureiro, um vereador, uma copeira e um motorista. Para esta pesquisa, foram relatados depoimentos de duas testemunhas.

Figura 4 – Sede da Prefeitura antes do vendaval.



Fonte: Diário Curimataú, 2016.

Maurílio Costa era uma das testemunhas e conta que estava fazendo suas demandas diárias da Secretaria de Finanças, naquele dia na prefeitura, quando percebeu que um temporal se aproximava. Com o passar do tempo a sensação de medo começou a se manifestar, quando foi notado que a ventania era muito forte. Ao

escutar o som de tiros da dimensão de uma explosão e ao ver que a poeira era tanta a qual deixava a cidade com um aspecto amarelado.

Ao notar aquilo que presenciara percebeu-se que havia indícios de que não se tratava de uma chuva comum, ele saiu junto com outros funcionários para verem o que estava acontecendo na rua. Chegaram até o salão principal e observaram que estava acontecendo algo que fugia totalmente a realidade:

Rapaz, vem olhar aqui aquela situação! Essa árvore que hoje tem de frente a prefeitura, simplesmente (...) ‘estava batendo no chão!’ Ela batia do lado direito e do lado esquerdo e não quebrava (...)! Todo mundo ficou assim, abismado! Só a gente conseguia ver, porque se fosse passando uma pessoa do outro lado não conseguiria ver, porque havia uma espécie de cortina de fumaça!¹¹

No momento em que presenciaram a cena, as testemunhas passaram algum tempo em estado de perplexidade. A percepção da realidade se deu quando começou a se retornar à consciência da gravidade que aquele temporal poderia causar no prédio e perceberam que a estrutura que segurava a porta poderia cair em sua direção e lembraram também que precisariam salvar os computadores, que muito provavelmente iam ser danificados pelas águas que adentrava a sala.

As cinco pessoas que estavam no local se deslocaram a caminho da sala e assim que correram para longe da direção da porta, toda a estrutura cedeu atrás deles. Logo começaram a entender não era possível salvar os computadores porque a preocupação com o risco de prejuízo financeiro imediatamente passou a ser uma preocupação de salvar as suas vidas:

Só deu tempo a gente atravessar o salão! Aí a gente só sentiu aquela pancada forte: pá! A linha central “torou” no meio em forma de V e ela desceu com todo telhado atrás! Ela caiu nas nossas costas! É tanto que teve um pedaço de telha que ainda pegou nas costas de Dona Maria de Gordo, que foi a última a atravessar. Só deu tempo a gente atravessar o salão! Se pega a gente na frente do salão ou na porta ninguém estava aqui contando a história!¹²

¹¹ COSTA, Maurílio. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Costa secretário da época.

Para Delumeau (2009), a emoção-choque acontece no ser humano quando tomamos consciência de há uma situação que ameaça nossa conservação e eles, assim que perceberam que a estrutura estava cedendo o instinto de sobrevivência passou a se manifestar mais fortemente e a angústia era agravada pela pouca experiência que eles tinham com desabamentos e vendavais. Maurílio Costa conta: *“Lembrei da experiência de construção que aprendi com o meu pai pedreiro e fui guiando para que os demais que estavam comigo se posicionassem abaixo viga.”*¹³ Outra parte da estrutura de telhado desabou e a atitude do secretário deu resultado, pois conseguiram sobreviver mais uma vez.

Delumeau (2009. p. 38) ainda afirma que esse tipo de ação acontece depois do estado de alarme e desencadeia uma série de reações:

A fisiologia da reação de alarme mostra, que, após a recepção da perturbação emocional pelo sistema límbico e pela região hipocámpica que desencadeiam os piscas-piscas de alerta, o hipotálamo e o rinencéfalo, zonas de orientação em ligação com todo o sistema nervoso e endócrino, lançam no corpo impulsos que devem permitir uma reação de defesa e ataque. A liberação de adrenalina, a aceleração do coração, a redistribuição vascular em proveito dos músculos, a contração do baço, a vasoconstrição esplâncnica põem em circulação maior número de vetores de oxigênio, que tornam possível um dispêndio físico mais forte (fuga ou luta).

Após conseguir sair dos escombros o medo continuou presente ao perceberem que, apesar de terem sobrevivido ao desabamento, teriam muita dificuldade para chegar às suas casas. Isso se manifestou ao verem outra cena que causou estranhamento, no qual duas motocicletas de grande porte, estavam sendo puxadas pela força do vento. Maurílio Macedo relata que naquele instante fez uma dedução que a ventania teria potência de arrastar um ser humano facilmente, porque as motos estavam sendo levadas apenas pelo vento, sem força hídrica.

Ao entrarem no veículo, quando foram saindo do local, foi relatado que as testemunhas viram uma jaqueira de grande porte ser partida ao meio, provavelmente pela queda de um raio.

A atitude que foi tomada por eles é desenvolvida a partir do sentimento de angústia e para Delumeau (2009, p. 34):

¹³ COSTA, Maurilio. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Costa secretário da época.

Reduzida ao plano psíquico, a angústia, fenômeno natural ao homem, motor da sua evolução, é positiva quando prevê ameaças que, por serem ainda imprecisas, nem por isso são menos reais. Estimula então mobilização do ser. Mas uma apreensão demasiadamente prolongada pode também criar um estado de desorientação e de inadaptação, uma cegueira afetiva, uma proliferação perigosa do imaginário, desencadeando um mecanismo involutivo pela instalação de um clima interior de insegurança.

Após a bem sucedida evacuação Maurílio Fialho¹⁴ conta que foi com seu pai até sua residência na zona Rural, com o pensamento que o local provavelmente estaria danificado.

*Como tinha ficado quase tudo destruído aqui, nós fomos lá. Cada um foi com cordas, com lamparina, com lampião, assim: como se fosse pra uma guerra, né!? Graças a Deus, quando nós chegamos lá que eu abri a porta, que olhei e que não vi uma gota no chão, que olhei pra cima que não tinha nada. Conclui que a minha casa, graças a Deus não foi atingida em nada! Só estava sem energia, porque faltou energia na cidade toda, 'né'?*¹⁵

Na fala pode-se concluir que o entrevistado sentiu o alívio no primeiro momento, de ter conseguido sobreviver ao desabamento e depois de não ter sua residência prejudicada pelas chuvas.

O prédio da prefeitura ficou sem condições de continuar seu funcionamento e a sede foi transferida, provisoriamente para uma escola do município. Posteriormente foi transferida em definitivo para a Rua 15 de Novembro, onde permanece até os dias de hoje.

A parte dos fundos do local passou a ser usada como garagem para os transportes do município e a parte dianteira ficara inativada até o ano de 2019, quando a prefeitura anuncia que o prédio passará por uma reconstrução onde será a sede do Centro da Crianças e Adolescentes da cidade (PORTAL CURIMATAU, 2019).

¹⁴ FIALHO, Maurílio. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Fialho vereador da época.

¹⁵ FIALHO, Maurílio. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Fialho vereador da época.

6 A ANGÚSTIA APÓS O VENDAVAL

O prefeito em exercício da época, Osvaldo Venâncio dos Santos, decretou estado de calamidade pública e de Emergência com objetivo de reconstruir as obras danificadas. Esse dispositivo permite que um município prejudicado por uma situação de anormalidade ou de um desastre que cause danos à determinada comunidade receba recursos de outros entes para sua recuperação.

A notícia foi passada para a população por meio de um carro de som, onde o locutor informou que a prefeitura seria solidária com os prejudicados e iria apoiá-los financeiramente na reconstrução. Ao ouvir esse anúncio a moradora Amariles Medeiros¹⁶ conta que se sentiu aliviada em saber que seria amparada no seu prejuízo.

A angústia não ficou restrito ao dia 28 de dezembro, por muito tempo Eliane Brito nos conta que ao perceber que ia chover esperava que pudesse acontecer um novo vendaval. *“Por muito tempo tive medo de que acontecesse um novo desastre daquela magnitude, inclusive eu tenho colegas, que até hoje, quando ver que vai chover, sente nervosismo e lembra do vendaval.”*¹⁷

Segundo Barbosa e Tavares (2014, p. 26) isso acontece a depender da reação psicológica de cada indivíduo e principalmente do grau de dano que cada indivíduo sofreu: “No momento de um desastre ou nos seguintes, relacionados ao pós-trauma, pode-se encontrar infinitas formas de reação que vão depender da vulnerabilidade do contexto em questão, da capacidade de entendimento e da estrutura de pensamento de cada indivíduo envolvido(...)”.

Tendo em vista o último relato apresentado, é possível concluir que o impacto no imaginário permaneceu para alguns por um longo período, a depender de cada experiência deixada pelo desastre. No âmbito coletivo, cada história contada foi cruzada com outras e permaneceu no imaginário social como o dia 28 de dezembro de 1999, como sendo um momento de aflição pelo desastre, mas também de alívio por não ter sido registrado nenhuma vítima fatal na cidade.

¹⁶ MEDEIROS, Amariles. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Medeiros moradora da cidade.

¹⁷ BRITO, Eliane. Relato do vendaval de 1999 da cidade de Cuité-PB. [Entrevista cedida a] Gustavo José Medeiros de Moura. Cuité-PB, 2021. Brito moradora da cidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise das entrevistas colhidas e da discussão com a literatura, foi possível perceber que os sentimentos e reações das pessoas que vivenciaram aquele momento tiveram forte influência a tradição milenarista, do sebastianismo e dos medos escatológicos disseminados e podem estar relacionados, historicamente, com tradições milenares da cultura ocidental.

Tendo em vista que um dos objetivos foi conseguir colher experiências acerca do medo, nos depoimentos, concluiu-se que o mesmo foi alcançado, observando que a grande maioria dos entrevistados mostraram, em seus relatos, que vivenciaram esse tipo de sentimento e cada um pôde sentir de uma forma, a depender da sua respectiva subjetividade e da sua vivência no dia do vendaval, como também posteriormente.

No âmbito do imaginário social, observou-se como uma catástrofe natural manifestou nas pessoas sentimentos ligados a crenças e tradições.

Por fim, ressalta-se a importância da História Oral para o processo de reconstrução da memória e para mostrar como as experiências do sujeito histórico são necessárias para estudar o passado, para além das fontes oficiais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. *In*: IV Semana de História do Pontal/ III Encontro de Ensino de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2016, Campus Pontal-MG. **Anais [...]**. Minas Gerais: UFU, 2016. Disponível em: <http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosedoliveiraalves.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- BRASIL. **COVID19 Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 30 mai. 2021.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**, v. 16, p. 7-24, 2004.
- CASTRO, A.L.C. 2003. **Manual de desastres** Brasília: Ministério da Integração Nacional; Secretaria Nacional de Defesa Civil. v.1. 174p.
- DELUMEAU, Jean; MACHADO, Maria Lucia. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Editora Companhia das Letras, 2009.
- GASPAR, Lúcia. **Sebastianismo no Nordeste brasileiro**. Pesquisa Escolar Online. Bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- GODOY, Marcio Honorio. O Desejado e o Encoberto: potências de movimento de um mito andarilho. **Revista Usp**, n. 82, p. 16-31, 2009.
- GODOY, Marcio Honorio de. **Dom Sebastião no Brasil: das oralidades tradicionais à mídia**. 2007. 244 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- IBGE. **Município de Cuité-PB**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cuite/panorama>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- JORNAL DA PARAÍBA. **Vendaval provoca destruição em Cuité**. Cuité-PB, 1999.
- MENEZES, Kalliany. A “última hora”: doutrinas e crenças escatológicas católicas no final do século XX. *In*: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: UPS, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300577922_ARQUIVO_UltimaHoraKallianyMenezes.pdf. Acesso: 15 fev. 2021.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 16, n. 46, p. 119-129, 2001.

PORAL CURIMATAU. **Em Cuité-PB antiga sede da Prefeitura será um centro da criança e do adolescente.** Disponível em: <http://portaldocurimatau.com.br/2019/03/22/em-cuite-pb-antiga-sede-da-prefeitura-sera-um-centro-da-crianca-e-adolescente/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

TAVARES, Luana Marcia Baptista; BARBOSA, Fernando Cordeiro. Reflexões sobre a emoção do medo e suas implicações nas ações de Defesa Civil. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 4, p. 17-34, 2014.